



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
 Geraldo Alckmin
 Governador

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
 Marcelo Mattos Araújo
 Secretário

FUNDAÇÃO MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
 João Batista de Andrade
 Diretor Presidente
 Irineu Ferraz
 Chefe de Gabinete
 Felipe Macedo
 Diretor de Atividades Culturais
 Profª Dra. Marília Franco
 Diretora do Centro Brasileiro de Estudos da América Latina
 Felipe Pinheiro
 Diretor Administrativo e Financeiro
 Luís Avelima
 Assessor – Presidência

CENTRO BRASILEIRO DE ESTUDOS DA AMÉRICA LATINA – CBEAL
Biblioteca Latino-Americana
 Aparecida da Graça Guimarães
 Gerente
 Margarida Maria Quintal Fernandes
 Chefe do Setor de Conteúdo Digital
 Marina Gugliotti Pestana
 Chefe do Setor de Atendimento ao Público
 Rejane do Desterro de Moura Alves
 Chefe do Setor de Documentação
 Carlos Alexandre Campos
 Assistente Administrativo
 Bruna Moreira
 Bruno Abreu Fernandes
 Juliene Lucas Angelo
 Estagiários

Apoio
 zoldesign zD     

Patrocínio
       

Educativo
 Myrian Cristofani
 Coordenadora Executiva
 Leticia Yumi Benetti da Silva
 Marco Antonio Teixeira
 Mateus Alvim Vera
 Mariana de Souza Cavalcanti
 Rafael Santana Cordeiro dos Santos
 Renata Manzo Sanfelice
 Educadores

Eventos e Cursos
 Eduardo Farsetti
 Chefe da Divisão de Políticas Públicas
 Fernando Gamba
 Chefe da Divisão de Cursos e Seminários
 Laís Camile Camargo Barbosa
 Chefe da Divisão de Produção de Eventos
 Guilherme Muller
 Shayanne Limongi
 Estagiários – Produção

Diretoria de Atividades Culturais – DAC
 Adriana Beretta
 Gerente do Pavilhão da Criatividade
 Darcy Ribeiro
 Ângela Barbour
 Gerente da Galeria Marta Traba

Dora Gussi
 Gerente de Produção Artística
 Maurício Rahal
 Gerente de Produção Técnica

Comunicação Social – CS
 Marília Balbi
 Gerente
 Daniel Pereira
 Assessor de Imprensa
 Eduardo Rascov
 Editor - site
 Marcelo Savi
 TI.
 Sérgio Kodama
 Chefe da Divisão de Criação Gráfica
 Bruna Nunes Sanches
 Diego Silva Souza Carlos
 Estagiários

EXPOSIÇÃO
Curadoria
 Roberta Bacic assistida por Breege Doherty
 Esther Vital assistida por Tchenna Maso
 (Coletivo de Mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB)

Coordenação Geral
 Ivanei Farina Dalla Costa
 (Coordenação Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB)

Expografia, Execução e Montagem
Coordenação Geral: Esther Vital e Tchenna Maso
 (Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB)

Acabamentos Arte Têxtil:
 Damiana Cavalcante Batista, Denice Borges da Cruz, Marli Benedito Conti e Rafaela de Oliveira

Iluminação: Giuliano Conti
Comunicação Visual e Projeto Gráfico
 Zol Design

Ilustrações
 Vitor Teixeira

Produção Audiovisual e Assessoria de Imprensa
 Adriane Canan, Bruno Ferrari, Guilherme Weimann e Vinicius Denadai
 (Coletivo de Comunicação do Movimento dos Atingidos por Barragens)

Coordenação dos Seminários, Oficinas e Ação Educativa
 Andréia Marques Divensi, Louise Löber, Tchenna Maso e Yara Nai Herreiro de Freitas
 (Secretaria Nacional do Movimento dos Atingidos por Barragens)

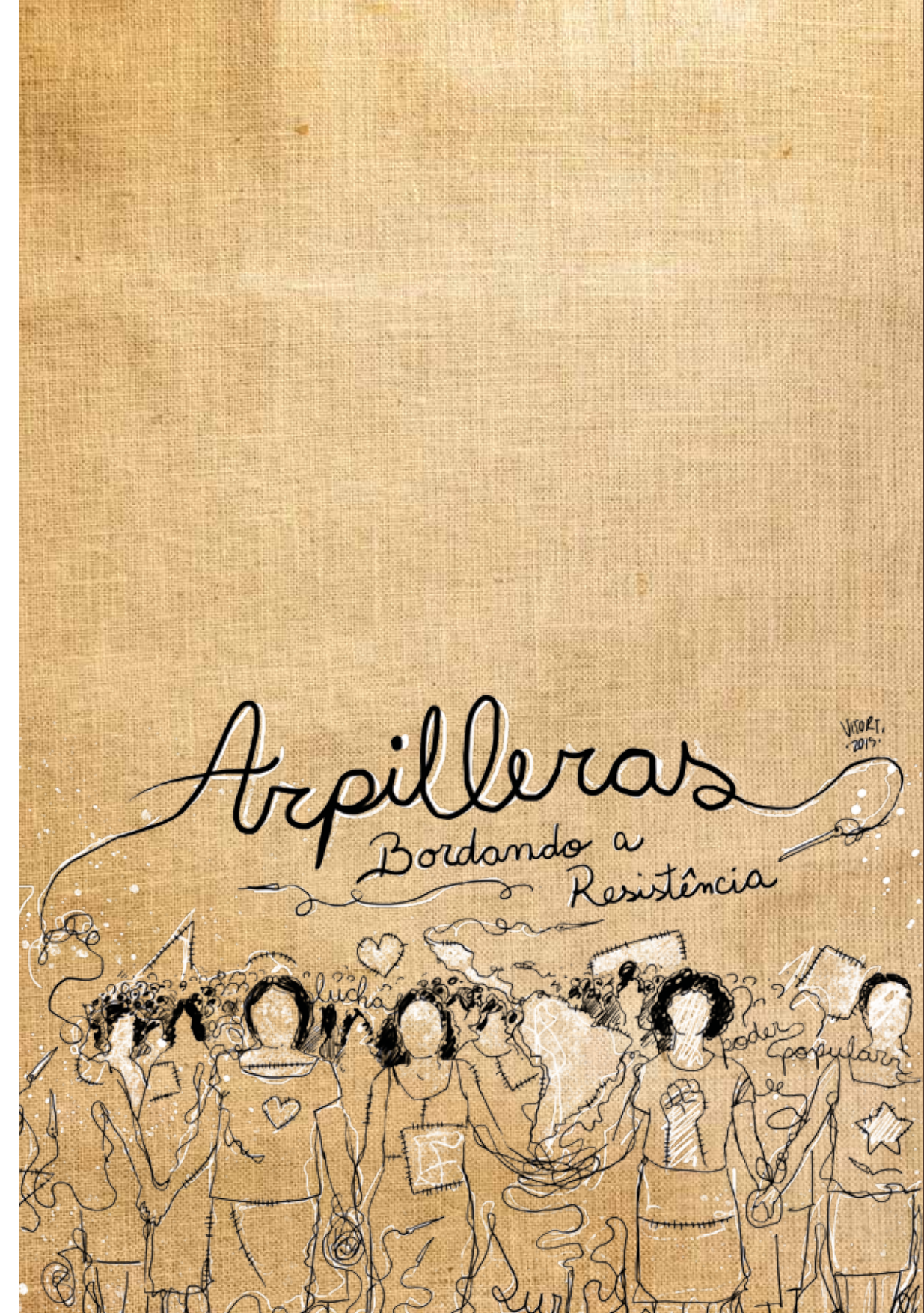
Fotos do Monitor de TV
 Douglas Mansur, João Zinclar, Joka Madruga, Mira Rusin e arquivo do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB

Filmes
 “Como Alitas de Chincol” (Vivianne Barry, Artemia Films, 2002)
 “Retazos de Vida: Arpilleras Chilenas” (Gayla Jamison, Lightfoot Films, Inc., 1991)
 “Hilos que unen” (Gayla Jamison, Lightfoot Films, Inc., 2014)
 Teaser “Arpilleras: Bordando a resistência” (MAB, 2015)
 “Guapiçu: um Rio (de Janeiro) Ameaçado” (MAB, 2015)
 “Garabi Panambi: a última batalha do rio Uruguai” (MAB, 2015)
 “Ameaça à Volta Grande do Xingu” (MAB, 2014)
 “As contradições do Complexo Tapajós” (MAB, 2013)

CATÁLOGO
Coordenação Editorial, Revisão e Padronização
 Esther Vital e Tchenna Maso
 (Coletivo de Mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens - MAB)
Tradução
 Mayara Herreiro
Projeto Gráfico
 Zol Design
Ilustrações
 Vitor Teixeira

INFORMAÇÕES GERAIS
Fundação Memorial da América Latina
 Salão de atos Tiradentes
 Av. Auro Soares de Moura Andrade, 664
 01156-001 - Barra Funda - São Paulo SP
 Telefone: 11 3823 4600

Exposição de 25 de setembro a 25 de outubro de 2015, de terça a domingo das 9h às 18h.



Arpilleras
 Bordando a Resistência

ATIVIDADE	DIA	DATA	HORÁRIO	LOCAL
Ato de Abertura / Vernissage com coquetel e animação cultural com a banda Sambadas	Sexta	25 Setembro	19h00	Salão de Atos Tiradentes
Seminário “Costurando Direitos Humanos”*	Sábado	26 Setembro	9h00 – 17h00	Espaço Vídeo
Ato Encerramento Projeto “Direitos das Populações Atingidas no Brasil” (MAB – União Europeia)	Sábado	26 Setembro	18h00	Espaço Vídeo
Oficinas de Arpilleras Abertas*	Sábado Sábado	17 Outubro 24 Outubro	14h00 – 17h00 14h00 – 17h00	Salão de Atos Tiradentes
Seminário “Mulheres em Luta: Bordando a Resistência”**	Segunda	19 Outubro	9h00 – 17h00	Biblioteca Victor Civita (Auditório)
Seminário “Modelo Energético Brasileiro: Atualidades e Desafios”**	Quinta	22 Outubro	9h00 – 17h00	Biblioteca Victor Civita (Auditório)
Ato de Encerramento e Agitação Cultural	Quinta	22 Outubro	19h00	Salão de Atos Tiradentes e Pavilhão da Criatividade Darcy Ribeiro

Cine - Debates				
Arpilleras: Bordando a Resistência “Como Alitas de Chincol” (Vivianne Barry, 2005) “Retazos de Vida: Arpilleras Chilenas” (Gayla Jamison, 1991) “Hilos que unen” (Gayla Jamison, 2014) Teaser: “Arpilleras: bordando a resistência” (MAB, 2015)	Domingo	4 Outubro	18h00	
Resistências e Lutas dos/as atingidos/as por Barragens “Guapiçu: um Rio (de Janeiro) Ameaçado” (MAB, 2015) “Garabi Panambi: a última batalha do rio Uruguai” (MAB, 2015)	Domingo	18 Outubro	18h00	Cineclube Latino-Americano
A questão Energética na Amazônia “Ameaça à Volta Grande do Xingu” (MAB, 2014) “As contradições do Complexo Tapajós” (MAB, 2013)	Domingo	25 Outubro	18h00	

*Inscrições: <http://goo.gl/forms/jSk3qUBbb8>

ARPILLERAS, BORDANDO A RESISTÊNCIA

“Com retalhos de tecido e pontos simples, as mulheres bordaram o que não poderia ser dito em palavras...”

Isabel Allende em “Tapestries of Hope, Treads of Love”, (Agosin, M., 2008, segunda edição).

Arpilleras são tecidos latino-americanos tridimensionais com apliques, que se originaram no Chile no final da década 1960. A juta, conhecida como “arpillera” (em espanhol), transformou-se no nome desse tipo especial de tapeçaria. Durante a ditadura de Pinochet no Chile (1973-1990), a tradição das arpilleras se desenvolveu para dar voz aos reprimidos e desprivilegiados da sociedade chilena. De suas humildes origens no Chile, a linguagem e arte de fazer arpilleras têm se espalhado pela América do Sul, Jamaica, Estados Unidos, Europa, Japão, África e Nova Zelândia. Inspiradas pelas primeiras arpilleras, mulheres em diferentes localidades, trabalhando individualmente ou coletivamente, continuam a documentar, através da costura, tanto suas experiências vividas quanto as suas respostas a abusos globais de direitos humanos.

A exposição **“Arpilleras, bordando a resistência”** reúne 37 arpilleras internacionais e brasileiras nascidas da determinação das suas criadoras por transgredir, em todos os sentidos, os papéis, lugares, tempos e conceitos tradicionalmente a elas assinados.

Arpilleras Dialogantes, traz 12 arpilleras da coleção internacional *Conflict Textiles*. Histórias de pobreza, repressão do Estado, perdas de vida, desaparecimentos, encarceramento, e, por fim, o retorno à democracia, são desveladas pelas peças mais antigas (1970-1999), confeccionadas por chilenas e peruanas. Histórias de resistência a questões atuais que têm um impacto tanto local como global são colocadas nas arpilleras mais atuais: Lutas indígenas pela terra, minas terrestres e migrações.



Hornos de Lonquén / Fornos de Lonquén. Arpillera chilena, anônima 1979. Foto: Tony Boyle. Coleção Conflict Textiles Origem: Joanne Sheehan, EUA.



En el lado “bueno” de la valla / No lado “bom” da cerca. Arpillera espanhola, Antonia Amador, 2014/2015. Foto: Roser Corbera. Coleção Conflict Textiles.



Detalhe. No to the dam / Barragem Não . Arpillera inglesa por Linda Adams, 2010. Foto: Martin Melaugh. Coleção Conflict Textiles.

Atingidas por Barragens: Costurando os Direitos Humanos, traz 25 testemunhos têxteis confeccionados coletivamente por mais de 900 mulheres do Movimento dos Atingidos por Barragens, espelhadas por todo o Brasil, como parte do nosso trabalho de educação popular, que busca estimular o empoderamento de *Nós* mulheres atingidas como sujeitas no processo de emancipação humana. Afirmando nossa identidade de lutadoras frente à realidade desigual do modelo energético brasileiro. Ser uma mulher atingida por barragem é ter a vida rasgada pela chegada da barragem, que sem informação alguma, sem consulta, desfaz o tecido social e comunitário que existia na região. Vem junto a prostituição, a violência sobre nossos corpos. Torna-se uma luta viver. Nossas vidas precisam ser costuradas, precisamos encontrar o fio, a juta, a linha que irá reconstruir um sentido. Boa parte desse caminho se revela na organização da resistência às barragens. Assim, as arpilleras têm sido um caminho para denunciar nossas histórias negadas.



Boate Xingú. Arpillera paraense, Atingidas de Altamira, Dezembro 2014. Foto: Vinicius Denadai. Coleção do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB). Obra: UHE Belo Monte.

É nessa dialética da crítica-proposição, tão própria dos movimentos sociais brasileiros, que as nossas arpilleras se entrelaçam com as Arpilleras dialogantes de todo o mundo, onde as denúncias das violações aos direitos humanos das mulheres, são costuradas junto com o anseio de que outro mundo é necessário, aquecendo nos corações a sua possibilidade.

Convidamos o espectador/participante a entrar nas nossas histórias, e, por mais breve que seja, a criar espaço para refletir e se engajar nelas ficando abertos para ser incitados a tomar parte de decisões, e de ações, sejam estas grandes ou pequenas.



Mulheres, Água e Energia não são Mercadorias!. Arpillera brasileira, Coletivo Nacional de Mulheres do MAB, Agosto 2014. Foto: Vinicius Denadai. Coleção do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).